

Da Percepção de Custos à Construção de Ganhos: Um Estudo Longitudinal de 4 anos (*)

ORLANDO M. LOURENÇO (**)

1. INTRODUÇÃO

É clássico definir-se o comportamento altruísta como «comportamento efectuado para benefício de outrem e sem antecipação de recompensas de origem externa» (Macaulay & Berkowitz, 1970, p. 3). Dada a dificuldade em distinguir entre comportamento verdadeiramente altruísta e simples manifestações de comportamento pró-social, como, por exemplo, repartir, dar, ajudar ou confortar, esses dois tipos de conduta são tomados como sinónimos em muitas investigações empíricas (ver Batson, 1987). Do mesmo modo, neste estudo não é feita qualquer distinção entre conduta pró-social e comportamento altruísta.

O aumento do altruísmo com a idade, pelo menos durante a segunda metade da primeira década de vida, tem sido verificado em muitos

estudos (ver Underwood & Moore, 1982; Yarrow, Waxler & Chapman, 1983). Até agora, os teóricos propuseram quatro principais alternativas para dar conta de tal facto (ver Bryan, 1975; Lourenço, 1993).

Uma abordagem relativamente apelativa para o desenvolvimento do altruísmo na criança, a abordagem *normativa* (e.g., Berkowitz, 1972), é a que defende que as crianças mais jovens são menos altruístas que as mais velhas porque ainda não aprenderam a norma da responsabilidade social, ou seja, a norma que estabelece que devemos ajudar os outros em necessidade. Por apelativa que seja, esta explicação levanta alguns problemas. Por um lado, existe considerável evidência na literatura pró-social (ver Eisenberg, 1982) mostrando que as crianças aprendem desde muito cedo essa norma. Por exemplo, alguns estudos (e.g., Solomon, Ali, Kfir & Yaeger, 1972) verificaram que as crianças de 6-7 anos verbalizavam tal norma tão frequentemente quanto as crianças de 11-12 anos. Por outro lado, a abordagem normativa corre o risco de «mais não fazer do que apresentar explicações *ad hoc* para resultados não previstos inicialmente» (Darley & Latané, 1970, p. 92).

Segundo a hipótese da *conduta inibida* (Midlarsky & Hannan, 1985), as crianças mais jovens são menos pró-sociais do que as mais velhas porque receiam iniciar um qualquer curso de acção, ainda que pró-social, quando se encon-

(*) Queremos expressar o nosso agradecimento às crianças e à Direcção da Academia de Música de Santa Cecília, Lisboa, por toda a colaboração prestada.

Parte desta investigação foi apresentada na Vth European Conference on Developmental Psychology, Sevilha, 6-9 de Setembro de 1992.

Correspondência referente a este artigo deve ser endereçada a Orlando M. Lourenço, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Alameda da Universidade, 1600 Lisboa, Portugal.

(**) Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.

tram envolvidas em situações experimentais. Esta hipótese levanta também algumas reservas. Por um lado, nada, na literatura desenvolvimentalista (ver Rosenhan, 1969), sugere tal receio e inibição por parte das crianças muito jovens. Por outro lado, alguns estudos sobre a influência do calor afectivo nas dádivas da criança (e.g., Weissbrod, 1976) têm revelado que uma relação «fria» com o experimentador pode levar a mais altruísmo do que o manifestado após uma relação calorosa.

Do ponto de vista do modelo de *custos-recompensas* (ver Dovidio, 1984), é provável que as crianças mais jovens sejam menos generosas do que as mais velhas porque os bens a doar ou repartir em situações de altruísmo têm para elas mais valor. Esta perspectiva teórica levanta dois problemas fundamentais. Primeiro, alguns estudos (e.g., Midlarsky & Bryan, 1967) evidenciaram a normal associação entre idade e generosidade, não obstante se ter constatado o mesmo gosto dos diferentes níveis etários pelos bens envolvidos na situação de dádiva (i.e., chocolates). Segundo, o modelo de custos-recompensas tende a ignorar (ver Dovidio, 1984) que o valor afectivo e funcional de custos e ganhos depende também do nível cognitivo das crianças em causa.

Finalmente, segundo a teoria *cognitivo-desenvolvimentalista* (Bar-Tal, Raviv & Leiser, 1980; Krebs, 1978), o aumento do altruísmo com a idade anda associado à tendência progressiva da criança para a descentração. A ideia é que as crianças que são mais velhas (e altruístas) vêem um acto pró-social em termos de ganho para o outro (descentração), não em termos de ganho para o próprio (centração).

A hipótese que o desenvolvimento do altruísmo na criança representa um movimento da centração (i.e., ênfase no auto-interesse) para a descentração (i.e., ênfase no bem estar do outro) é muito apelativa. De facto, muitos filósofos morais (Kant, por exemplo) e psicólogos sociais (e.g., Batson, 1987, 1990) facilmente aceitam que um acto só é genuinamente altruísta quando não emerge de qualquer cálculo de ganho para o «self». Contudo, por apelativa que seja, tal hipótese também levanta dúvidas e problemas. Até agora, tem sido impossível demonstrar quando é que uma conduta pró-social é verdadeiramente altruísta (ver o número da revista *Psychological Inquiry*, 1991, 2: 123-158). Depois, deve referir-

-se que a associação entre o comportamento pró-social da criança e a sua capacidade de descentração nem sempre tem sido verificada (e.g., Severy & Davis, 1971). Por fim, dados existentes mostram que determinado nível de tomada de perspectiva não garante, só por si, que a criança agirá de modo pró-social quando confrontada com outros em necessidade (ver Eisenberg, 1987).

Da análise precedente, parece poder concluir-se que o desenvolvimento do altruísmo na criança está longe de ser claro, e que muitos problemas exigem ainda pesquisa empírica e esforços conceptuais. Recentemente, foi proposta outra explicação para a correlação entre idade e generosidade (Lourenço, 1990, 1993). Tal explicação, chamada hipótese de *percepção de custos/construção de ganhos*, pretende explicar tal correlação pela integração de dois modelos que Piaget utilizou, em momentos diferentes, para dar conta da transição do pensamento pré-operatório ao pensamento operatório. Um desses modelos é guiado, em parte, pela *teoria de jogos*, na medida em que apela para custos e ganhos (Piaget, 1957); o outro, baseia-se na *teoria da equilíbrio* e, portanto, na prioridade das afirmações sobre as negações antes da criança atingir o equilíbrio compensatório que caracteriza a lógica operatória (Piaget, 1974, 1975).

Como é sabido, Piaget, em 1957, defendeu que o pensamento pré-operatório é dominado pelas centrações. Estas centrações, contudo, são condutas de baixo custo (i.e., são muito simples em termos de complexidade cognitiva), mas também de pouco ganho (i.e., levam ao erro e à contradição). Ao invés, as operações das crianças mais velhas representam um comportamento de equilíbrio, «que é, ao mesmo tempo, mais custoso mas também mais produtivo» (p. 58). Ou seja, as operações são mais difíceis em termos de energia e complexidade cognitiva (i.e., maior custo), mas conduzem a juízos e justificações correctas (i.e., maior ganho).

Anos mais tarde, este modelo relativamente funcional deu lugar a outro mais estrutural. Com efeito, Piaget (1974), nas suas pesquisas sobre a contradição, sugeriu que o pensamento pré-operatório era um pensamento dominado por um «desequilíbrio entre afirmações e negações, tendo as primeiras mais “peso” que as segundas»

(p. 5). Por outras palavras, as centrações e contradicções da criança pré-operatória resultam da sua incapacidade para construir negaçoes, já que, «enquanto as características positivas dos objectos ou acções [afirmações] são dadas directamente, como observáveis, as negativas [negações] comportam, em grau diferente, mecanismos inferenciais.» (p. 17)

Além de integrar os dois modelos Piagetianos acabados de mencionar, a hipótese da percepção de custos/construção de ganhos procura articular aspectos funcionais e estruturais no desenvolvimento do altruísmo na criança. Por outras palavras, tal hipótese não ignora a influência de custos e ganhos na conduta pró-social (ver Batson, 1990; Dovidio, 1984), mas evita conceptualizá-los apenas em termos motivacionais e de aprendizagem, na medida em que apela para processos cognitivos e desenvolvimentistas. Como já foi referido, as explicações até aqui propostas para o aumento do altruísmo com a idade tendem a enfatizar ora os aspectos funcionais (e.g., modelo de custos-recompensas), ora os seus aspectos estruturais (e.g., teoria cognitivo-desenvolvimentista).

Segundo a abordagem da percepção de custos/construção de ganhos (Lourenço, 1990) «as crianças mais novas são menos altruístas do que as mais velhas devido à sua incapacidade para considerar os actos altruístas em termos de ganho [construção de ganhos] e, portanto, devido à sua enorme tendência para os considerarem em termos de custo» (p. 121). De facto, em termos de energia e complexidade cognitiva, o aspecto «custo» envolvido num acto pró-social parece ser a sua característica mais saliente, directa e perceptiva. Assemelha-se a uma afirmação de sentido Piagetiano, já que tal aspecto é dado directamente enquanto observável. Por exemplo, parece não haver dúvida que, em caso de dádiva, há qualquer coisa que o doador «perde» para o receptor. Ao invés, o aspecto «ganho» envolvido num acto pró-social parece ser a sua característica mais indirecta, adiada e inferida. Assemelha-se a uma negação de tipo Piagetiano. Por exemplo, parece difícil para uma criança de 4 anos antecipar ganho moral, psicológico, ou mesmo material, para os seus possíveis actos pró-sociais.

Dado que existe ampla evidência mostrando que a capacidade da criança para coordenar afir-

mações e negações aumenta com a idade (e.g., Piaget, 1974; Lourenço, 1993), e que o comportamento pró-social é mais provável quando aumentam os ganhos (e.g., Cialdini, Kenrick & Baumann, 1982; Martins, 1993), a hipótese da percepção de custos/construção de ganhos faz duas asserções centrais, cada uma delas tendo a possibilidade de ser verificada empiricamente. Primeiro, tal hipótese prevê que as crianças, com a idade, tendem a pensar os actos pró-sociais mais em termos de construção de ganhos do que em termos de percepção de custos. Segundo, tal abordagem prevê ainda que a capacidade da criança para construir ganhos em actos pró-sociais anda associada à sua efectiva conduta pró-social.

Este estudo pretende expor os aspectos teóricos subjacentes à hipótese da percepção de custos/construção de ganhos e apresentar alguns dados longitudinais, cognitivos e comportamentais, que ajudem a reforçar, ou não, outros dados já obtidos em estudos anteriores centrados nessa hipótese (e.g., Lourenço, 1990, 1991, 1993; Martins, 1993). De modo mais preciso, este estudo pretendeu: (1) analisar a evolução da competência das crianças para construir ganhos em actos pró-sociais durante um período de 4 anos; e (2) examinar a relação entre tal competência e a sua conduta pró-social numa situação de dádiva anónima. Isto é, as crianças tinham oportunidade de doar para companheiros anónimos alguns dos bens (i.e., 6 gomas coloridas, formato «ursinhos») que tinham recebido pela sua participação no estudo.

Dado que os estudos relacionando idade e generosidade têm evidenciado um aumento de altruísmo na segunda metade da primeira década de vida (ver Bryan, 1975), decidimos avaliar a percepção de custos/construção de ganhos quando as crianças tinham 5, 7 e 9 anos de idade.

As doações das crianças na situação de dádiva anónima, contudo, foram apenas avaliadas aos 7 e 9 anos.

Por simples que pareça, a medida de altruísmo utilizada neste estudo é similar à usada em muitos estudos sobre a conduta pró-social (ver Bartal, 1976). Uma vez que era dito às crianças que ninguém viria a conhecer as suas dádivas, podemos pensar tal situação como de «escape fácil» (Batson, 1987, 1990), ou seja, como uma situação onde as crianças podiam não ser altruístas

tas sem terem de enfrentar a desaprovação dos outros.

2. METODOLOGIA

2.1. *Sujeitos*

A nossa amostra longitudinal foi constituída por 15 meninas e 15 meninos, e foi entrevistada pela primeira vez em 1988 (T1). Nessa altura, a média de idades era de 5 anos e 5 meses (variação entre 5.0-5.9). Esta amostra foi entrevistada, de novo, em 1990 (T2), e em 1992 (T3).

De T1 para T2, perderam-se 6 crianças (4 meninos e 2 meninas). Por isso, em T2, apenas se entrevistaram 24 crianças. De T2 para T3, perderam-se 4 crianças (2 meninos e 2 meninas), pelo que, em T3, apenas foram entrevistadas 20 das 30 crianças da amostra inicial. Em todos os momentos de avaliação as crianças frequentavam uma escola privada na área de Lisboa (Academia de Música de Santa Cecília) e provinham, em geral, de famílias da classe média elevada.

2.2. *Procedimento*

Os procedimentos para avaliar a competência das crianças para perceber custos/construir ganhos em T1, T2 e T3, bem como a sua conduta pró-social em T2 e T3, foram idênticos. As crianças foram sempre entrevistadas pelo mesmo experimentador num gabinete da escola que frequentavam. Depois de cumprimentar a criança, o experimentador dizia-lhe que estava a fazer um estudo para saber como pensam as crianças sobre certas coisas, frisando, então, que não havia respostas certas nem erradas. Era submetida, depois, às tarefas descritas a seguir.

2.3. *Tarefas e medidas*

Tarefa de percepção de custos/construção de ganhos. Esta tarefa envolvia uma história descrevendo acções de dois personagens (um altruísta; outro egoísta) em relação a uma criança em necessidade. Havia uma versão para os meninos e outra para as meninas. A história era ilustrada pictoricamente, no sentido de a tornar mais compreensível para as crianças. Depois de

controlada a sua compreensão, eram colocadas à criança as seguintes perguntas, por esta ordem: (1) *Qual dos meninos, --- ou ---, se sente mais feliz no fim da história, e porquê?* (Avaliação indirecta da percepção de custos/construção de ganhos); (2) *Achas que este menino (i.e., o personagem altruísta) fica ou não a ganhar alguma coisa no fim da história, e porquê?* (Avaliação directa da percepção de custos/construção de ganhos).

A ordem da apresentação das duas alternativas em cada questão foi sempre rodada. As respostas das crianças foram transcritas integralmente para codificação posterior. Sempre que a criança optava pelo personagem egoísta na Questão 1 (Avaliação indirecta), ou escolhia a alternativa negativa na Questão 2 (Avaliação directa), tais respostas eram consideradas respostas de percepção de custo. Quando a criança optava pelo personagem altruísta na Questão 1, ou escolhia a alternativa positiva na Questão 2, tais respostas eram consideradas respostas de *construção de ganho*. As justificações foram utilizadas para verificar se as escolhas das crianças podiam ser consideradas verdadeiras opções ou simples escolhas «ad hoc». Embora tivesse havido uma classificação independente para as avaliações directa e indirecta, os resultados não revelaram diferenças estatísticas significativas entre tais avaliações. Sendo assim, tais avaliações aparecem aglutinadas em algumas das análises na secção de Resultados.

Situação de dádiva anónima. Como já foi referido, cada criança recebia 6 gomas coloridas pela sua participação no estudo. Era-lhe dito que, se quisesse, podia oferecer algumas dessas gomas para companheiros da escola que não tinham participado nem recebido qualquer goma. Na sala experimental, havia uma caixa, com uma pequena abertura, destinada a receber as ofertas de cada criança. Antes de deixar a sala, o experimentador dizia à criança que ninguém viria a saber quantas gomas tinha metido na caixa, nem se tinha oferecido ou não algumas delas. Quando a criança deixava a sala, o experimentador entrava, de novo, e determinava o número de gomas que ela tinha depositado na caixa.

TABELA 1

Evolução das respostas de percepção de custo/construção de ganho entre 1988 (T1) e 1990 (T2), e entre 1990 (T2) e 1992 (T3)

| Tipo de Resposta | T1 | De T1 para T2 | | | De T2 para T3 | | |
|----------------------------|----|---------------|-------|-------|---------------|-------|-------|
| | | Cima | Igual | Baixo | Cima | Igual | Baixo |
| AVALIAÇÃO DIRECTA | | | | | | | |
| Percepção de custo | 17 | 9 | 8 | – | 7 | 1 | – |
| Construção de ganho | 3 | – | 3 | 0 | – | 12 | 0 |
| AVALIAÇÃO INDIRECTA | | | | | | | |
| Percepção de custo | 17 | 10 | 7 | – | 6 | 2 | – |
| Construção de ganho | 3 | – | 2 | 1 | – | 10 | 2 |
| TOTAL | | | | | | | |
| Percepção de custo | 34 | 19 | 15 | – | 13 | 3 | – |
| Construção de ganho | 6 | – | 5 | 1 | – | 22 | 2 |

Nota: Em T1, havia 30 crianças; em T2, 24; e em T3, 20. Assim, nesta Tabela, N=20.

Cima = Respostas de percepção de custo que evoluíram para construção de ganho

Baixo = Respostas de construção de ganho que regrediram para percepção de custo

Igual = Respostas que não sofreram modificação

3. RESULTADOS

3.1. *Evolução na percepção de custos/construção de ganhos*

A Tabela 1 apresenta a frequência das respostas de percepção de custos/construção de ganhos no primeiro momento de avaliação (1988), bem como a evolução dessas respostas entre 1988 (T1) e 1990 (T2), e entre 1990 (T2) e 1992 (T3).

Quanto às respostas de percepção de custos/construção de ganhos de 1988, o exame dos dados da Tabela 1 mostra que as crianças deram, de modo significativo, mais respostas de percepção de custo que respostas de construção de ganho, $X^2(1, n = 20) = 9.80, p < 0.01$, para ambos os casos (i.e., avaliação directa e indirecta).

Quanto à evolução das respostas das crianças entre 1988 e 1990, os dados da Tabela 1 revelam um claro padrão evolutivo. De facto, das 34 respostas de percepção de custo de 1988, 19 delas evoluíram para respostas de construção de

ganho, passados dois anos (1990). Das 6 respostas de construção de ganho de 1988, apenas 1 regrediu para percepção de custo durante esse período. Testes de McNemar para calcular o significado do padrão evolutivo verificado revelaram valores significativos tanto na avaliação directa, $X^2(1, n=20)=7.11, p<0.01$, como indirecta, $X^2(1, n=20)=5.81, p<0.005$.

O exame dos dados da Tabela 1 também revela um padrão evolutivo muito claro nas respostas das crianças entre 1990 e 1992. De facto, das 16 respostas (i.e., 15+1) de percepção de custo de 1990, 13 delas evoluíram para construção de ganho passados dois anos (i.e., 1992), enquanto que das 24 respostas (i.e., 19+5) de construção de ganho de 1990, apenas 2 regrediram para percepção de custo nesse período de dois anos. Testes de McNemar mostram que esse padrão evolutivo foi também significativo para a avaliação directa, $X^2(1, n=20)=5.14, p<0.05$, como global, $X^2(1, n=40)=8.06, p<0.01$.

Em síntese, os resultados em 1988, bem como nos «follow-ups» de 1990 e de 1992, estão de

TABELA 2

Dádivas das crianças em função da idade e da competência para perceber custos/construir ganhos

| Categorias de Custo/Ganho*** | 1990 (7-8 anos)* | | | | | | | 1992 (9-10 anos) | | | | | | |
|------------------------------|------------------|---|---|---|---|---|---|------------------|---|---|---|---|---|---|
| | Doações** | | | | | | | Doações | | | | | | |
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| Apenas ganho | 3 | 4 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 8 | 2 | 1 | 0 | 0 |
| Custo /Ganho | 3 | 4 | 2 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Apenas custo | 5 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Média de doações | 0.75 | | | | | | | 1.75 | | | | | | |
| Desvio padrão | 0.82 | | | | | | | 0.82 | | | | | | |

* N = 24, em 1990; N = 20, em 1992.

** Refere-se ao número de gomas doadas pelas crianças na situação de dádiva anónima.

*** Apenas ganho = Se as crianças escolhiam sempre a alternativa da construção de ganho;

Apenas custo = Se as crianças escolhiam sempre a alternativa da percepção de custo;

Custo/Ganho = Se escolhiam uma vez percepção de custos e outra vez construção de ganhos.

acordo com a primeira asserção central da hipótese da percepção de custos/construção de ganhos referida atrás.

3.2. Construção de ganho e conduta pró-social das crianças

A Tabela 2 refere-se às dádivas das crianças em função da idade (i.e., quando tinham 7-8 anos, em 1990, e 9-10 anos, em 1992) e da competência de percepção de custos/construção de ganhos.

A análise dos dados da Tabela 2 mostra que as dádivas das crianças aumentaram, de modo significativo, entre 1990 (M=0.75) e 1992 (M=1.75), $t(42)=3.33$, $p<0.01$.

Para testar a segunda asserção da hipótese da percepção de custos/construção de ganhos, que prevê uma associação positiva entre altruísmo e competência de construção de ganhos, relacionámos as doações das crianças em 1990 e em 1992 com as suas respostas de percepção de custo/construção de ganho nesses dois momentos de avaliação. Como se pode ver na Tabela 2, em 1990 havia 6 crianças que apenas percebiam custo (i.e., crianças de «puro custo») e 18 que construíram ganho (i.e., 8 crianças de «puro ganho» e 10 de «custo/ganho»). Um teste t reve-

lou que o grupo que construíra ganho (M=0.94) foi significativamente mais altruísta que o grupo que não construíra qualquer ganho (M=0.16), $t(22)=2.10$, $p<0.05$. Em 1992, quando as crianças tinham 9-10 anos de idade, havia apenas 1 criança que só percebia custo, e 16 que apenas construíam ganho. Estas 16 crianças de «puro ganho» (M=1.94) foram então comparadas com as crianças de «custo» e de «custo/ganho» (M=1.00), que foram agrupadas por razões de tamanho de grupo. Um teste t revelou que o grupo de «puro ganho» foi significativamente mais altruísta que o outro grupo, $t(18)=2.17$, $p<0.05$.

Em síntese, os resultados obtidos para a relação entre nível de altruísmo das crianças e a sua capacidade para construir ganho parece apoiar a segunda asserção central da hipótese da percepção de custos/construção de ganhos.

4. DISCUSSÃO

Este estudo teve como objectivo central expor os aspectos teóricos subjacentes à hipótese da percepção de custo/construção de ganhos, hipótese que tem sido sugerida para ajudar a compreender o desenvolvimento do altruísmo na

criança (Lourenço, 1990, 1993). Procurou ainda apresentar dados longitudinais, cognitivos como comportamentais, que pudessem fortalecer, ou não, as duas asserções centrais envolvidas nessa hipótese. Primeira, com a idade, as crianças tendem a pensar os actos pró-sociais mais em termos de ganho (i.e., construção de ganho) do que em termos de custo (i.e., percepção de custo). Segunda, a competência da criança para construir ganho material, psicológico ou moral nos actos pró-sociais anda associada ao seu comportamento altruísta ou pró-social.

Os resultados deste estudo parecem constituir uma razoável validação de ambas as afirmações de tal hipótese ou perspectiva. Com efeito, nos dois «follow-ups» longitudinais, verificou-se uma nítida evolução de respostas de percepção de custo para respostas de construção de ganho, e também uma associação positiva entre as dívidas das crianças e a sua competência para construir ganhos.

Embora estes resultados fortaleçam a possibilidade de se considerar o desenvolvimento do altruísmo segundo a perspectiva Piagetiana referida na Introdução, poder-se-ia pensar que tais resultados poderiam ser interpretados dentro das outras perspectivas teóricas, por um lado, e que estão longe, sobretudo os de natureza correlacional, de constituir um fundamento seguro da perspectiva teórica em causa.

Quanto a esta última possível objecção, vale a pena notar que as outras principais quatro abordagens para o desenvolvimento do altruísmo na criança sempre levantam algumas dúvidas e problemas. Isso parece significar que tais abordagens estão longe de constituir a única «narrativa» (Bruner, 1990) para tal facto, e que há ainda espaço para outras abordagens. Aliás, como também já foi referido, essas abordagens tendem a considerar esse desenvolvimento focando aspectos estruturais, mas esquecendo os funcionais (e.g., teoria cognitivo-desenvolvimentalista), ou focando aspectos funcionais, mas esquecendo os estruturais (e.g., abordagem normativa, da conduta inibida, de custos-recompensas). A hipótese da percepção de custos/construção de ganhos, ao invés, parece articular aspectos funcionais e estruturais nesse desenvolvimento. Por um lado, apela para custos e ganhos e, portanto, para dimensões individuais e funcionais; por outro, apela para processos

cognitivos e desenvolvimentalistas e, portanto, para dimensões epistémicas e estruturais. Em relação a essa possível objecção, deve ainda referir-se que o problema dos critérios de validação de determinada perspectiva teórica é um assunto ainda sujeito a controvérsia (ver Lakatos, 1970; Overton, 1984). Por exemplo, quão sucedida deve ser uma nova abordagem para ser aceite como uma explicação viável?

Quanto à segunda possível objecção, aceitamos facilmente que o nosso plano experimental não foi projectado para testar as explicações alternativas já referidas e que, portanto, os nossos resultados podiam ser interpretados também a partir delas. Parece-nos, contudo, que as crianças envolvidas neste estudo, não estavam mais receosas e tímidas na primeira situação experimental (i.e., em 1988) do que na segunda (1990) ou na terceira (1992). Aliás, nada, na literatura desenvolvimentalista, sugere essa ideia. No que concerne a uma possível explicação dos nossos resultados pela abordagem normativa, é nossa convicção que as crianças teriam dito, em qualquer momento de avaliação, que deviam dar algumas das gomas para os companheiros que não participaram no estudo, desde que forçadas a escolher entre a alternativa altruísta e egoísta. Como se sabe, as crianças julgam, desde cedo, os itens morais como obrigatórios (ver Turiel, 1983), e desde cedo conhecem as respostas socialmente aceitáveis a questões morais (ver Eisenberg, 1987). Quanto a uma possível explicação dos nossos resultados pelo modelo de custos-recompensas, deve referir-se que as crianças sempre disseram gostar muito das gomas oferecidas, embora nunca tivesse sido feita uma avaliação objectiva desse gosto. Finalmente, como a teoria cognitivo-desenvolvimentalista defende que o aumento do altruísmo traduz um movimento da centração (i.e., ênfase no auto-interesse) para a descentração (i.e., ênfase no bem estar do outro), tal teoria teria dificuldades em explicar o facto das respostas de construção de ganho aumentarem com a idade das crianças.

Seja como for, não clamamos que a hipótese da percepção de custos/construção de ganhos seja a mais «correcta» das hipóteses para explicar o desenvolvimento do altruísmo na criança. Pode mesmo dizer-se que tal hipótese é demasiado «racional» e que o comportamento pró-social pode ser motivado por recompensas

afectivas imediatas de natureza empática, e não meramente por construções cognitivas de ganho (ver Batson, 1990; Hoffman, 1982).

Deve ser ainda reconhecido que a ideia de considerar a percepção de custos uma afirmação Piagetiana, e a construção de ganhos uma negação Piagetiana, pode não ser evidente para todos os Piagetianos. De facto, Piaget (1974) utilizou esses conceitos no domínio cognitivo, não no domínio social.

Quanto a limitações metodológicas, devem lembrar-se duas delas. Primeiro, a tarefa de percepção de custos/construção de ganhos envolveu apenas um item e uma modalidade de comportamento pró-social (i.e., confortar/não confortar). Segundo, o comportamento pró-social das crianças não foi avaliado em situação naturalística, consistiu de uma única medida, podendo ainda a situação de doação ser relativamente abstracta para as crianças mais jovens.

Em conclusão, os resultados deste estudo fortalecem a nossa perspectiva Piagetiana de interpretar o desenvolvimento do altruísmo na criança como um movimento de centração (i.e., percepção de custos) para a descentração (i.e., construção de ganhos). Contudo, compreender o desenvolvimento do altruísmo na criança pela integração de dois modelos Piagetianos referidos deve ser ainda considerado um projecto que requer mais pesquisa empírica e esforços conceptuais. Por exemplo, seria conveniente delinear modos de testar a hipótese da percepção de custos/construção de ganhos de modo mais crítico. Por outras palavras, delinear estudos que procurassem: (1) incluir uma avaliação mais complexa da percepção de custos/construção de ganhos; (2) obter outras avaliações da conduta pró-social das crianças, tanto em situação experimental como naturalística; e (3) confrontar as explicações alternativas que têm sido propostas para o aumento do altruísmo com a idade.

REFERÊNCIAS

- Bar-Tal, D. (1976). *Prosocial behavior: Theory and research*. New York: Halsted Press.
- Bar-Tal, D., Raviv, A. & Leiser, T. (1980). The development of altruistic behavior: Empirical evidence. *Developmental Psychology*, 16: 516-525.
- Batson, C. (1987). Prosocial motivation: Is it ever truly altruistic? In *Advances in experimental social psychology*, vol. 20, (L. Berkowitz, Ed.), pp: 65-122, New York: Academic Press.
- Batson, C. (1990). How social an animal? The human capacity for caring. *American Psychologist* 45: 336-346.
- Berkowitz, L. (1972). Social norms, feelings, and other factors affecting helping behavior and altruism. In *Advances in experimental social psychology*, Vol. 6 (L. Berkowitz, Ed.), pp: 63-108, New York: Academic Press.
- Bruner, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bryan, J. (1975). Children's cooperation and helping behaviors. In *Review of child development*, Vol. 1 (E. Hetherington, Ed.), pp: 127-181, Chicago: University of Chicago Press.
- Cialdini, R., Kenrick, D. & Baumann, D. (1982). Effects of mood on prosocial behavior in children and adults. In *The development of prosocial behavior* (N. Eisenberg, Ed.), pp: 339-359, New York: Academic Press.
- Darley, J. & Latané, B. (1970). Norms and normative behavior: Field studies of social interdependence. in *Altruism and helping behavior* (J. Macaulay & L. Berkowitz, Eds.), pp: 83-101, New York: Academic Press.
- Dovidio, J. (1984). Helping behavior and altruism. An empirical and conceptual overview. In *Advances in experimental social psychology* (L. Berkowitz, Ed.), pp: 362-427, New York: Academic Press.
- Eisenberg, N. (1982) (Ed.). *The development of prosocial behavior*. New York: Academic Press.
- Eisenberg, N. (1987). The relation of altruism and other moral behavior to moral cognition: Methodological and conceptual issues. In *Contemporary topics in developmental psychology* (N. Eisenberg, Ed.), pp: 165-189, New York: Wiley & Sons.
- Hoffman, M. (1982). Development of prosocial motivation: Empathy and guilt. In *The development of prosocial behavior* (N. Eisenberg, Ed.), pp: 281-313, New York: Academic Press.
- Krebs, D. (1978). A cognitive-developmental approach to altruism. In *Altruism, sympathy and helping* (L. Wispé, Ed.), pp: 141-164, New York: Academic Press.
- Lakatos, I. (1970). Falsification and the methodology of scientific research programmes. In *Criticism and the growth of knowledge* (I. Lakatos & A. Musgrave, Eds.), pp: 91-196, Cambridge: Cambridge University Press.
- Lourenço, O. (1990). From cost-perception to gain-construction: Toward a Piagetian explanation of development altruism in children. *International Journal of Behavioral Development*, 13: 119-132.
- Lourenço, O. (1991). Porque são tão pouco altruístas as crianças pré-escolares? *Análise Psicológica*, 1(IX): 98-97.

- Lourenço, O. (1993). Toward a piagetian explanation of the development of prosocial behavior in children: The force of negational thinking. *British Journal of Development Psychology*, 11: 91-106.
- Macaulay, J. & Berkowitz, L. (1970). Overview. In *Altruism and helping behavior* (J. Macaulay & L. Berkowitz, Eds.), pp: 1-9, New York: Academic Press.
- Midlarsky, E. & Bryan, J. (1967). Training charity in children. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5: 408-415.
- Midlarsky, E. & Hannah, M. (1985). Competence, reticence, and helping by children and adolescents. *Developmental Psychology*, 21: 534-541.
- Martins, M. (1993). *Percepção de custos, construção de ganhos e promoção da conduta pró-social em crianças escolares*. Universidade de Coimbra, Tese de Mestrado (não publicada).
- Overton, W. (1984). World views and their influence on psychological theory and research: Kuhn-Lakatos-Laudan. In *Advances in child development and behavior*, vol. 18 (H. Reese, Ed.), pp: 191-226, New York: Academic Press.
- Piaget, J. (1957). *Logique et équilibre*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Piaget, J. (1974). *Recherches sur la contradiction*, vol. 2. Paris: Presses Universitaires de France.
- Piaget, J. (1975). *L'équilibration des structures cognitives*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Rosenhan, D. (1969). *Determinants of altruism: Observations for a theory of altruistic development*. Comunicação apresentada no Annual Meeting of the American Psychological Association, Washington.
- Severy, L. & Davis, K. (1971). Helping behavior among normal and retarded children. *Child Development*, 42: 1017-1031.
- Solomon, D. Ali, F., Kfir, D., Houlihan, K. & Yaeger, J. (1972). The development of democratic values and behavior among Mexican-American children. *Child Development*, 43: 625-638.
- Turiel, E. (1983). *The development of social knowledge: Morality and convention*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Underwood, B. & Moore, B. (1982). The generality of altruism in children. In *The development of prosocial behavior* (N. Eisenberg, Ed.), pp: 25-52, New York: Academic Press.
- Weissbrod, C. (1976). Noncontingent warmth induction, cognitive style, and children's imitative donation and rescue effort behaviors. *Journal of Personality and Social Psychology*, 34: 274-281.
- Yarrow, M., Waxler, C. & Chapman, M. (1983). Children's prosocial dispositions and behavior. In *Handbook of child psychology*, vol. 4, (P. Mussen, Ed.), pp: 469-545, New York: Wiley.

RESUMO

Baseando-se nos dois modelos que Piaget utilizou, em momentos diferentes, para explicar a passagem do pensamento pré-operatório ao operatório, a hipótese da percepção de custos/construção de ganhos defende que o desenvolvimento do altruísmo na criança traduz um movimento da centração (i.e., percepção de custos) para a compensação (i.e., construção de ganhos). Neste estudo, avaliou-se a capacidade das crianças para perceberem custos/construírem ganhos em actos pró-sociais numa amostra longitudinal de 20 crianças aos 5, 7 e 9 anos de idade, e também a sua conduta pró-social numa situação de dádiva anónima aos 7 e 9 anos. De acordo com a hipótese da percepção de custos/construção de ganhos, os resultados mostraram (1) que a competência para construir ganhos evoluiu, de modo significativo, com a idade; e (2) que tal competência estava associada à sua conduta pró-social na situação de dádiva anónima. Estes dados fortalecem a nossa perspectiva Piagetiana para o desenvolvimento do altruísmo na criança.

ABSTRACT

Drawing on the two micromodels Piaget used, in succession, to account for the child's transition from preoperational to operational thought, the cost-perception/gain-construction hypothesis maintains that children's development of altruism represents a movement from centration (i.e., cost-perception) to compensation (i.e., gain-construction). Children's cost-perception/gain-construction competence was assessed over a 4-year period, when they were aged five (T1), seven (T2), and nine (T3). Children's altruistic donations in an opportunity-to-donate situation were determined at both T2 and T3. Consistent with the cost-perception/gain-construction hypothesis, the results showed (1) that children's competence to construct gain in prosocial dilemmas moved upwards (i.e., from cost-perception to gain-construction), and (2) that children's gain-construction competence was positively related to their donations in the opportunity-to-donate situation. These results seem to strengthen our Piagetian approach to children's development of altruism.